AMORES BRANCOS, TRAGÉDIAS NEGRAS: UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO ESCRAVO BIRÓ E SUA SENHORA MARIANA

AMORES BRANCOS, BLACK TRAGEDIES: A LOOK AT THE HISTORY OF SLAVE BIRÓ AND HER MARIAN LADY

Ciro Leandro Costa da Fonseca [1]

Elen Karla Sousa da Silva[2]

Sebastião Marques Cardoso[3]

RESUMO: Iremos, neste artigo, abordar o tema do amor como uma constante no universo literário. Propomo-nos a identificar as marcas desse sentimento que impulsiona a história, na tentativa de compreender os significados do amor. Observamos que os sujeitos do século XIX, marcados pelas relações escravistas, patriarcais e de racismo, também se inscreviam numa busca constante de um par amoroso, atitude inerente às pessoas em todos os tempos, porém, com a face tecida pelo viés sócio-histórico que desencadeava as relações amorosas, econômicas e de servidão. Concluímos que, estando em sintonia com o seu tempo, a história trágica de amor, vivida na época da escravidão e do patriarcalismo colonial, entre uma senhora branca e um escravo negro, mostra-nos como as normas sociais se impõem diante dos amantes, e que viver uma paixão socialmente proibida é o ponto de partida para uma tragédia, na maior parte das vezes. Percebemos, sobretudo, em nossa leitura, que o amor continua a impulsionar o homem em sua vida simbólica e social, seja ele das letras, ou o homem comum, bem como continua a impulsionar a vasta produção literária, seja ela oral ou escrita, estando presente nos mais distantes lugares, cidades e comunidades rurais, formadas a partir de fazendas coloniais que guardam histórias que se revestem de uma atmosfera mítica.

Palavras-chave: Amor. Sociedade colonial. Patriarcalismo. Morte. Raça.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A concepção de amor está relacionada ao contexto sócio-histórico do homem em cada época. A procura por uma espécie de beleza, de encanto na vida e no mundo está presente em cada momento histórico, desde os tempos mais antigos, de acordo com os anseios do homem em cada época. Assim, temos o propósito de identificar as marcas deste sentimento que

[1]Aluno do Doutorado em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN. Pau dos Ferros –Rio Grande do Norte.

[2] Mestre em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte –UERN. Pau dos Ferros – Rio Grande do Norte. elenuema@gmail.com

[3] Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP), atualmente professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Departamento de Letras Estrangeiras.

Revista Literatura em Debate, v. 10, n. 19, p. 145-157, dez. 2016. Recebido em: 25 mai. 2016. Aceito em: 28 dez. 2016.

impulsiona a história, como foi vivido e experienciado ao longo dos séculos, em diferentes momentos. Na tentativa de compreender os significados do amor, observamos que os sujeitos do século XIX, marcados pelas relações escravistas, patriarcais e de racismo, também se inscreviam numa busca constante de um par amoroso, atitude inerente às pessoas em todos os tempos, porém, com a face tecida pelo viés sócio-histórico que desencadeava as relações amorosas, econômicas e de servidão.

O tema do amor é uma constante no universo literário, seja na sua forma oral, presente na literatura popular, nas poesias e narrativas, ou na literatura erudita, talvez justificável pela busca incessante do homem por uma espécie de complementação para sua vida. Para Ovídio, poeta do amor, que escreveu sua célebre obra *A arte de amar* (2006), entre o século I antes e I depois de Cristo, é necessário que homens e mulheres dominem a arte de amar, que é fundamental à vida do ser humano. Para o poeta, o homem deve dominar a arte do amor e estar sempre renovando suas estratégias de conquistas. Esse pensamento de Ovídio vai de encontro às ideias de Platão, que defendia o amor como algo sublime, embora capaz de dubiedades, ou seja, o amor transita entre o humano e o divino, entre o bem e o mal, mostrando a dupla face do homem frente a esse sentimento em que "há um delírio humano, que é mau, e um delírio divino, que é bom, e o amor é um tipo desse último" (PLATÃO, 1970, p. 26). Nesse sentido, podemos observar que enquanto Platão prega a busca de um amor que se diviniza, mais relacionado ao espírito e aos deuses, Ovídio prega a arte de conquistar um amor, no sentido carnal.

Um milênio após as ideias ovidianas e platônicas, o amor continua a ser discutido, surgindo a ideia de um "amor cortês", que se constitui de um movimento cultural das cortes europeias, daí a denominação amor cortês. No contexto medieval, essa concepção de amor se baseia no sistema feudal de vassalagem, em que o homem se sente servo de sua suserana ou senhora: a mulher. Percebemos aqui a diferença da busca desse amor; enquanto antes de cristo a preocupação em conquistar um par amoroso era de homens e mulheres, no contexto medieval, apenas o homem tinha vez e voz na busca do amor, ou seja, a mulher era o objeto de desejo do homem, que a tratava como seu senhor, no sentido de respeito e servidão, como acontecia na sociedade feudal. Como pontua André Capelão, em *Tratado do amor cortês* (2000), a mulher é a fonte inspiradora de todo bem, isto é, o homem não consegue o bem sem o incentivo da mulher, é sua relação com ela que o torna sensível e educado. Isso influenciou a produção poética dos trovadores, que passaram a cantar o amor cortês e a exaltação da mulher, enquanto senhora do homem. Nisso se baseou a devoção à Virgem Maria, que passou a ser chamada de Nossa Senhora, como modelo ideal dessa relação de servidão do homem à mulher, o protótipo

à virgem, pura e perfeita, meta da aspiração masculina, reconhecida pela tradição católico-cristã, que ainda hoje é exaltada como modelo feminino e inspiração para o bem das relações amorosas. Esse tipo de amor servil e vassalo, típico do catolicismo e herdado das relações medievais de cortesia, contradiz o amor na ótica de Ovídio, que valorizava qualquer tipo de amor; enquanto o amor cortês, baseado na ideologia católico-cristã, o amor carnal passa a ser considerado baixo, impuro e pecaminoso.

Para o poeta trágico Agatão, na mitologia o Amor é um deus que gera felicidade para os homens e os deuses, levando-os a celebrar a vida. Conforme podemos ver:

> O amor é o mais feliz dos deuses, porque é o mais belo e o melhor deles. É o mais belo porque é o mais jovem, é delicado e de tenra forma, e é o melhor porque é o mais justo, temperante, corajoso e sábio. Com tal natureza, ele nos cria tôdas as circunstâncias alegres e festivos da vida, avesso que é a tudo que não nos encaminhe nesse sentido, e generoso no seu afã de encantar o coração dos homens e dos deuses (PLATÃO, 1970, p. 39).

O amor aspira ao lado bom da vida, segundo Pausânias, o que podemos perceber na descrição das virtudes do deus Amor. Já o orador Erixímaco, baseado em Puasânias, na mesma obra de Platão, apresenta um parecer médico que descreve dois tipos antagônicos de amor; o mórbido e o sadio e que, aos olhos da medicina, são responsáveis pela saúde e pela doença no organismo e pela piedade no relacionamento entre os homens e os deuses, o amor está presente também nos outros seres vivos, como os animais e as plantas, possuindo um caráter universal. Assim:

> Segundo êle, o duplo amor não reside apenas nos homens, mas nos animais, nas plantas e em todos os seres, o que bem significa em todo o universo. Para demonstrar essa universalidade do duplo amor, Erixímaco, um médico, assesta sobre alguns setores da realidade as lunetas de cada ciência correspondente. Através delas êle não tem dificuldade em mostrar o bom amor a efetuar a saúde do organismo, a harmonia do som, a bonança da estação, a piedade das relações entre deuses e homens, enquanto o mau amor aparece como o responsável do contrário de tudo isso (PLATÃO, 1970, p. 33).

Visto como uma doença, Erixímaco aborda ambiguidade de um sentido que provoca dor e satisfação. A satisfação está presente mais no fato de uma pessoa amar do que no fato de ser amada. A impossibilidade de realização e de correspondência de um amor, a distância e a demora, ao invés de aplacar a força desse sentimento, alimenta-o e fortalece, como o amor de Santa Tereza, que de tanto amar a Cristo, desejava morrer para realizá-lo, vivendo satisfeita de sofrer por amor. Nesse sentido, Milan nos fala de amor:

> Dois, não fosse o este número o amor não seria. Só surge porque há dois indivíduos, mas quer deles fazer um, anular assim a condição de sua origem. Disso resulta a infelicidade que traz consigo – amor "martírio simultaneamente delicioso e cruel

> (Santa Teresa de Jesus). Impossível de dois fazer um, seja porque a identificação entre os sujeitos esbarra na diferença dos sexos, seja porque a união dos corpos é fugaz. Não obstante, insistimos neste desejo impossível e o amor vive da crença de poder realizá-lo. Dizer isto é afirmar que estamos fadados à insatisfação e não à felicidade, como tanto supomos, para existir.

A realização do amor, esse que sobrevive e se alimenta muito mais da impossibilidade, pode trazer sérias e trágicas consequências para os amantes, principalmente quando são as convenções socais e as relações de poder que ditam as normas, desobedecer pode resultar em tragédia. Assim, concluímos que o amor é situado sócio-historicamente, e a partir dessa ideia, analisaremos como essa temática se apresenta na história conhecida como "O mito do escravo Biró", um caso de amor transmitido ao longo do tempo, por meio da oralidade. O fato ocorreu no século XIX, na fazenda Monte Alegre, no município de Luís Gomes, no Rio Grande do Norte. Os reflexos do contexto social que desencadeou essa história, as teorias e pensamentos sobre o amor, subjacentes ao fato, serão discutidos neste trabalho, principalmente como as relações sociais e de poder marcaram uma história bárbara, motivada pela paixão.

2 O amor e a morte nas tramas da história do escravo Biró

A escritora Betty Milan, em seu livro *O que é o amor* (1999), considera tal sentimento, nos dias atuais, como performance, ou seja, deixou de ser algo sentido, para ser algo bem praticado. Isso no contexto atual, em que, segundo a autora, o homem e a mulher substituíram o mito do amor eterno "pelo mito do orgasmo genital perfeito [...]" (MILAN, 1999, p.65). Porém, essa separação entre o amor eterno, virtuoso, e a busca do prazer sexual, tanto em épocas passadas como em algumas sociedades atuais, não era ou é admitida. Em meados do século XIX, como em quase todo o período colonial brasileiro, as regras da sociedade patriarcal permitiam ao homem separar o amor da esposa, àquela destinada ao milagre da procriação, conforme a ideologia católico-cristã; e o prazer sexual fora do lar, com as índias, as negras, que resultava em filhos bastardos, em alguns casos, criados pela esposa. Mas uma atitude assim não era permitida às mulheres. Podia-se admitir até mesmo de uma prostituta, excluída do convívio social, mas, jamais, de uma senhora, de uma esposa.

Outro sentimento com relação ao amor, é que seria visto como delírio, algo difícil de ser admitido, pois isso significa que se entregou a uma fraqueza, que é mais difícil de ser admitido pelos homens, devido ao machismo. Já as mulheres, o admitem com mais facilidade, pela sua situação histórica, em que eram vistas como submissas. Isso, podemos ler em Milan:

> Não fosse o amor a vida não vingaria, nós, porém, o ignoramos, a ponto de menosprezá-lo. Não é tão ridícula a confissão pública de uma paixão? Acaso se autoriza os homens, quando entre si, a falar de algum amor que não o físico? Apresenta-se como um ser a quem o outro falta? Nunca. Quanto às mulheres, verdade que lhes é dado falar de amor. Não será assim precisamente por estarem elas de certa forma marginalizadas? (MILAN ,1999, p. 16).

Uma fraqueza amorosa, em termos de sentimento por parte de uma mulher, podia até ser admitida por elas e mais aceita socialmente, desde que dentro dos padrões. Porém uma fraqueza sexual com outro homem, que não fosse o seu marido, na ideologia machista deve ser punida, é tratada como imperdoável e, na maior parte dos casos, a honra é lavada com sangue. Ao homem era permitido separar amor e casamento, de sexo, prazer; à mulher, não, principalmente em tempos marcados pelo patriarcalismo colonial.

Para a autora, o absurdo está no fato de, por falta do amor, uma pessoa se sentir incompleta. Por isso, para os homens, é mais cômodo tratar o sexo como amor, mas para a mulher seria incomum. O sentimento de não existir sem a outra pessoa, de viver a sua procura, justifica as reflexões sobre o amor, ao longo da história.

A história do escravo Biró é uma narrativa de um fato verídico ocorrido nos tempos da escravidão, em que uma senhora branca, Mariana, esposa do senhor e dono do escravo Brequefeld, sentiu-se atraída pelo negro. Envolvida numa atmosfera de proibição, por ser mulher, casada, branca, sinhá do negro e esposa de um temido senhor, essa mulher buscou a realização de sua paixão sexual, impondo-se diante do negro. A história trata, de certa forma, da temática do amor, da paixão, sempre confrontada com o sexo. Em nosso estudo, buscaremos compreender a vivência e as consequências desta paixão para os personagens reais desta história marcada por derramamento de sangue e lavagem da honra, como ocorre em muitas histórias, quando uma mulher reivindica as mesmas ações permitidas aos homens.

Inicialmente, analisaremos o depoimento de uma senhora que viveu a infância na fazenda Monte Alegre, Maria do Socorro Nunes, filha de um neto do senhor que comprou a fazenda após a tragédia, e cresceu em meio ao cenário da história, nos pontos onde a narrativa se desenrola. Como se pode ler a seguir:

> Relatos feitos por Otávio de Andrade Nunes, neto do tenente João Felipe de Andrade Nunes, comprador do Sítio Monte Alegre, sobre a origem do "Biró".
> Biró é uma baixa localizada por trás do açude que ficava próxima a casa grande, que era propriedade do senhor Breckenfeld, antigo proprietário do referido sítio e do escravo Biró, que deu nome à baixa.
> Conta a história que a esposa de Breckenfeld quis se aproveitar da sua condição de dona do escravo para ter com ele um envolvimento sexual, mas o escravo se recusou, talvez por medo de Brequefeld, ou por falta de interesse, o que se sabe é que não a quis, isso gerou um ódio, junto com um sentimento de rejeição que levou a mulher a contar ao marido que estava sendo assediada pelo escravo. O esposo enfurecido, sentindo-se desrespeitado como marido e como proprietário, ordenou que o escravo

> fosse torturado e obrigou o pobre negro a cavar sua própria sepultura, na qual foi enterrado vivo.
> Segundo Otávio, várias pessoas já ouviram, passando pelo local, em ocasiões diferentes, gemidos do enterrado vivo, e o local onde foi enterrado o escravo, ficou conhecido como "Biró" (DEPOIMENTO DA SENHORA MARIA DO SOCORRO NUNES, FILHA DO SENHOR OTÁVIO DE ANDRADE NUNES, 2016).

Nessa versão da história coletada através do depoimento da senhora Maria do Socorro Nunes, filha do senhor Otávio de Andrade Nunes, que faleceu em 2006, e conheceu a história através de fontes primárias, isto é, de antepassados que testemunharam o acontecimento, a rejeição do escravo ao desejo da sua senhora se encaminhou para uma tragédia, um dos mais bárbaros crimes contra um negro escravizado de que se tem notícia na região, e que povoa o imaginário dos membros da comunidade de Monte Alegre e de seus descendentes, que cresceram ouvindo a memória do fato. Este amor da senhora branca pelo escravo se restringiu apenas ao viés platônico, que sofrendo rejeição, provocou toda a trama do crime. Fato que na época serviu de lição, de explicação simbólica para a perpetuação da ideia em vigor no contexto histórico de que as relações sociais e de poder estão acima das relações amorosas. Esse fato ilustrou os castigos para os apaixonados que ousam desafiar essa segregação social, segregação essa que ao longo da história do Brasil, principalmente em tempos de escravidão e de pós-abolição, as negrinhas serviam para a iniciação sexual dos filhos dos senhores brancos, como também as mulheres negras eram, muitas vezes, amantes dos senhores brancos, e ao contrário da esposa, cultuada como objeto de devoção, como aborda André Capelão em *Tratado do Amor Cortês*, à qual o marido não se atrevia a macular com práticas sexuais mais permissivas. As negras eram escolhidas por serem uma categoria social já submissa, tanto pela questão social como pela racial.

A história do negro Biró e de dona Mariana, sua dona e senhora, em que se subverte a ordem patriarcal em que é a mulher que buscou, fora do casamento, uma paixão sexual. Assim se quebrava o patriarcalismo, mas se mantinha a relação de submissão entre senhor e escravo, pois foi a senhora que, desta vez, abusou do seu poder com o negro e o desejou como objeto de satisfação sexual, satisfação essa não proporcionada pelo seu casamento com o senhor branco e bem-nascido. Havia também um viés de distância de realidades, de mundos em que ela era socialmente um ser elevado diante do escravo, quase inacessível a sua condição, mas que desceu a pirâmide social da sua época, em busca de uma paixão que lhe fosse prazerosa e que a sociedade burguesa do seu tempo jamais lhe permitiria. Nessa atitude, a senhora Mariana foi movida pelo sentimento de amor-paixão, de paixão-sexual, por um desejo por sexo, prazer, que se constitui como finito, pois o sexo, na visão dominante cristã da época colonial, dessacraliza a

pureza do sentimento amoroso. Nesse sentido, havia uma oposição binária entre o amor puro e o sexo pecaminoso em que um atrapalharia a existência do outro. A senhora Mariana poderia ter amado o escravo Biró apenas de forma platônica, sublime, o que não teria resultado em sua morte trágica, mas ousou desafiar as normas do seu tempo e se antecipar à sua época, pois somente no futuro a modernidade permitiria a uma mulher a busca do prazer sexual. Segundo Milan (1999), o sexo neutraliza o amor, esse mais relacionado a uma espécie de pureza, e o sexo se alimenta de proibições, como no caso da senhora com o escravo. Vejamos o que diz Milan: "depreciado, ridicularizado, o amor é o grande banido. Valorizado, só o sexo, a que a modernidade nos entrega para neutralizar a paixão. Só sexo, forma de interditar o amor, fazer de nós puritanos ao contrário" (MILAN, 1999, p. 16).

O sexo é apresentado como um lado pragmático da vida e o amor como uma espiritualidade. Ao falar que o amor vive de impossibilidades, o cronista Jabor, por exemplo, apresenta uma visão platônica do amor, ou seja, para existir não precisa da "presença do outro", ao contrário do sexo: "Certos amores nem precisam de parceiros; florescem mais sozinhos, na solidão e na loucura. Sexo não – é mais realista" (JABOR , 2004, p. 37). Já no Romantismo, a ideia do amor-paixão expressa a dicotomia histórica amor/sexo. Apesar de as civilizações terem criado mitos de entrega do amor total, como Tristão e Isolda, Romeu e Julieta, Píramo e Tisbe, símbolos de que o amor apaixonado é punido através da morte, o amor enquanto total doação é separado da atração sexual. No caso em estudo, a doação que a mulher fazia ao marido, sua dedicação à casa, aos afazeres doméstico, estava separada da atração sexual que sentia pelo escravo, e que foi punida pela morte. Nesse sentido, as muitas histórias de amor e os mitos nos levam a crer que o sentimento feminino sobre o amor é mais autêntico, contempla a ideia platônica de amor, já que a mulher consegue unir amor e sexo, enquanto a preocupação masculina se limita ao prazer carnal, sexual, tendo o amor como algo sagrado, no sentido de intocável. Nesse sentido, Giddens explica essa dicotomia quando diz que:

> Para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour passion* eram tratadas separando-se o conforto do ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta. O cinismo masculino em relação ao amor romântico foi prontamente amparado por esta divisão, que não obstante aceitava implicitamente a feminilização do amor "respeitável" (GIDDENS ,1993, p. 54).

Essa mesma ideia podemos perceber nas tramas da história de amor trágico que desencadeou o assassinato do escravo Biró, pois para o homem era permitida essa dicotomia, essa separação entre a sexualidade da amante ou da prostituta e a vivência doméstica de um amor respeitável. Na história em questão, ocorrida no século XIX, o contexto não permitia uma mesma atitude por parte da mulher, o amor socialmente aceito e repeitado do seu marido e a

vivência de uma paixão sexual com um escravo, um subalterno, como era comum aos homens se relacionarem com as escravas, as negras da casa e da cozinha, e terem até mesmo filhos bastardos. Num viés do pensamento estruturalista e machista que faz a representação do feminino através de estereótipos e que formulam uma oposição hierárquica na representação simbólico-social, o perfil que a sociedade traça da mulher em que ela é Eva ou Maria, ou Lilith, a representação do amor carnal, adúltero e mundano, reforçando a ideologia patriarcal.

Para a mulher, não é permitida uma identidade múltipla, como o homem, que lá fora pode ser libertino, enquanto em casa é o senhor, o marido e o provedor. Ou a mulher é virtuosa, principalmente se for casada, ou é uma prostituta, pecadora, digna de punição, como foi tratada Mariana, na sua história com o escravo Biró. Amor e sexo podem ser separados para o homem, que na sociedade colonial não pagava um preço por isso, mas não para a mulher. Isso é compatível com o pensamento de Michel Lahud, que aparece na obra de Milan, quando diz que "se o amor é crença de que de nós dois se possa fazer Um, o sexo é certeza de que em dois há sempre, no mínimo, dois" (MILAN,1999, p. 104). A crença da união do amor e do sexo é válida para a mulher, que para o contexto da época, casada, tem a missão de procriar, e não a licença para o prazer sexual.

Ao observarmos as características de uma relação amorosa pautada nessas condições sociais:

> "O amor", observa Bronislaw Malinowski em seu estudo sobre os habitantes da Ilha Todriand, é uma paixão tanto para o melanésio quanto para o europeu, e atormenta a mente e o corpo em maior ou menor extensão; conduz mitos a um *impasse,* um *escândalo* ou uma *tragédia*; mais raramente, ilumina a vida e faz com que o coração se expanda e transborde alegria (GIDDENS, 1993 p. 47).

Neste tormento gerado pela paixão, que é intrínseco a todas as raças, do europeu ao melanésio, as pessoas se sentem perturbadas mentalmente, por precisarem quebrar as normas sociais, transgredi-las em nome de um sentimento, e da realização do desejo carnal. Esta que dificilmente é permitida, resultando em tragédias, escândalos, mortes, assassinatos, suicídios, tudo em nome de uma pureza social que já nasceu apodrecida e que não permite as vivências desejadas. Por isso a paixão e o desejo se constituem como um tormento, tanto para o corpo como para alma.

A história do escravo Biró e de sua senhora, Mariana, desafiou, no século XIX, os parâmetros sociais da época, acirrados pelas teoria racistas em voga, que influenciavam a vida social e a divisão de classes, situação que foi retratada na produção literária desse contexto. Por exemplo, na obra "O Cortiço", de Aluízio Azevedo, temos uma relação oposta entre João Romão e a negra Bertoleza, relação pautada na submissão da mulher negra, no contexto

escravista, ao senhor branco, e que desejava essa relação como forma de ascensão social e racial, como ela era uma cafuza, parda, era melhor se unir a um homem branco, como forma de sua raça, de "limpar-se", como afirma este ditado popular recorrente na época entre os negros. Este ditado simboliza o desejo dos negros de se unirem aos brancos para ascender socialmente, ter filhos claros e se desligar das marcas da escravidão, atitude representada pela ação de Bertoleza. João Romão, embora não se atraísse sexualmente por Bertoleza, como por Rita Baiana, ligou-se à negra pela vantagem da submissão e da exploração do seu trabalho. Assim, segundo Candido, ao estudar esse tipo de relação em "O Cortiço":

> Esta Bertoleza, aliás, que era cafuza, serve para surpreendermos o narrador em pleno racismo, corrente no seu tempo com apoio numa pseudo-ciência antropológica que angustiava os intelectuais brasileiros quando pensavam na mestiçagem local. João Romão propõe a Bertoleza morarem juntos, e ela aceita, feliz, "porque, como toda a cafuza [...] não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior a sua" (CANDIDO, 1998, p. 143-144).

As raças estavam ligadas, segundo o mesmo autor, ao valor, não só social, mas também econômico. A raça superior era um invasor econômico e a raça inferior era naturalmente explorada. Porém, na história do escravo com a senhora branca, essa não tiraria nenhuma vantagem econômica da relação, apenas era movida pelo desejo e papel, atração sexual. Numa atitude oposta à de Bertoleza, Mariana sujaria sua raça, conforme o pensamento que predominava na época escravista. Talvez a motivação da senhora branca fosse a proibição da realização de sua paixão, pois Milan afirma que "insistimos neste desejo impossível, e o amor vive da crença de poder realizá-lo" (MILAN, 1999, p. 19).

No contexto de uma fazenda colonial, em que a senhora era a responsável pela manutenção da engrenagem doméstica e o senhor não enxergava a esposa como um atrativo objeto de desejo, devido à ideologia católica reinante, de que a esposa era alvo de um amor virtuoso, o desejo era voltado às mulheres de fora do ambiente doméstico e familiar, o que pode ter despertado na senhora o interesse pelo escravo, devido à sua insatisfação no casamento, que lhe impunha tantas condições como senhora e dona de casa. O que confirma o pensamento a seguir, pois: "era improvável que uma vida caracterizada pelo trabalho árduo e contínuo conduzisse à paixão sexual" (GIDDENS, 1993, p. 49).

Nesse sentido, observamos também o tratamento no qual uma mulher casada, naquela época, era tratada como um sujeito esvaziado de sua identidade sexual, apenas a serviço do marido. Esse é um dos motores da história retratada nesta discussão. A mulher, enquanto objeto de um querer masculino, de sua vontade e caprichos, num contexto de proibição, começou a construir e praticar uma forma de amar ainda não permitida.

Uma outra versão menos conhecida da história, também recontada por meio da transmissão oral memorial dos moradores do Monte Alegre, está registrada na Sala Santa Rosa, no Centro de Cultura Popular *Escravo Jacó*, pelo professor Luciano Pinheiro. Nesta versão narrada pelo curador do centro cultural, Mariana correu da fazenda Imbé, que era propriedade do tenente Antônio Breckenfeld, seu esposo, até a fazenda Monte Alegre, distante alguns quilômetros, e pertencente ao seu pai, o tenente Fortunato de Almeida, em busca de proteção contra a fúria do marido. Segundo os registros do Centro de Cultura Popular, Mariana foi "embuchada" pelo escravo Biró, que foi conduzido para a propriedade do sogro de Breckenfeld, obrigado a cavar a própria cova e enterrado vivo. Versão predominante no município é a narrada no depoimento de Maria do Socorro Nunes, pois se Mariana engravidou do escravo, nunca se ouviu falar do que teria acontecido com o filho, nem de possíveis descendentes dessa relação.

Mariana, metonímia das mulheres casadas de meados do século XIX, estava sujeita à punição, por sua transgressão, como também o escravo, alvo de sua paixão. A liberdade de uma pessoa saciar seus desejos, satisfazer-se sexualmente é um ponto significativo nesta discussão, pois as relações de poder, seja esse temporal, político, patriarcal, religioso, sempre estiveram nos bastidores das proibições. Assim, "A liberdade sexual acompanha o poder e é uma expressão de poder" (GIDDENS, 1993, p. 49). Liberdade essa que no contexto escravista não seria dada para uma relação entre um escravo negro e sua senhora branca e casada, ato que, ocorrido ou não, foi punido pela morte trágica do escravo, pois nessa época patriarcal, a "honra" masculina obrigatoriamente deveria ser lavada com sangue, conforme expressão popular recorrente na época. Como também em muitos casos na história e na literatura, homens e mulheres foram punidos com a morte, por viverem uma transgressão social na busca da realização amorosa e sexual.

A história da senhora Mariana com o escravo Biró, desencadeada por uma paixão da senhora pelo escravo, quando o comum eram os casamentos por interesse e conveniência, em nome de fatores econômicos, aumento de terras, enriquecimento, heranças, expressões de poder, como relatamos anteriormente, e que conforme Giddens, este casamento da senhora Mariana com o Tenente Breckenfeld foi construído e vivido "não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica" (GIDDENS, 1993, p. 49), como outros casamentos da mesma época, que não davam espaço à vivência de uma paixão, e sufocavam qualquer chama de atração sexual, devido a estarem voltados aos objetivos mais práticos da colonização, não restando tempo e energia para o desejo e o sentimento.

Um amor, uma paixão ou desejo sexual não seria uma justificativa para uma ligação, uma relação temporária ou duradoura e, dessa forma, "aqueles que buscam criar ligações permanentes, devido a um amor apaixonado, são condenados" (GIDDENS, 1993, p. 49). A condenação foi sofrida apenas pelo desejo sexual, pela busca de um envolvimento passageiro movido pela atração, quanto mais se a senhora branca tivesse deixado o marido pelo escravo e tentado estabelecer uma relação. Essa condenação foi sofrida pelo escravo, principalmente devido a sua submissão e condição racial e social, e pela sua dona e senhora, que em nenhuma das versões da história, seu destino aparece como certo. Quanto ao escravo, sabemos que foi cruelmente assassinado. Quanto à senhora Mariana, branca e filha de tenente e fazendeiro, herdeira de um rico patrimônio, não poderia ter o mesmo fim. Na versão contada pelo organizador do museu, o marido correu na tentativa de matá-la, da fazenda Imbé até a fazenda Monte Alegre, mas não se sabe o paradeiro dessa mulher depois da morte do escravo e da venda das fazendas, quando essa família foi embora e não mais deu notícias na região. Na versão narrada por Maria do Socorro, o destino de Mariana sequer é citado, se foi ou não punida. O certo é que a história oral só alcança o fato até a descoberta da paixão, não sabemos ao certo se o escravo foi entregue pela sua dona em vingança pela rejeição do mesmo, movido pelo medo, ou se foi o marido quem descobriu, e a morte do escravo Biró.

Assim a história de dona Mariana e o escravo Biró, ocorrida em um contexto em que uma mulher não podia transgredir, "no entanto, as oportunidades para os homens se envolverem em ligações extraconjugais eram com frequência muito numerosas" (GIDDENS, 1993, p. 49). Essas ligações não eram permitidas para uma mulher casada, e a proibição originou essa história, que se constitui como uma das mais trágicas na transmissão oral e memorial dos membros do grupo social que descende de senhores e de escravos, como forma de ensinamento moral de que um amor vivido fora das normas sociais é punido e geralmente termina em tragédia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a compreensão da história trágica do escravo Biró e de sua dona e senhora, Mariana, vivida nos tempos da escravidão, à luz dos teóricos que tratam o amor como ponto significativo e interdisciplinar da filosofia, da história, das ciências sociais, da literatura, seja ela erudita ou popular, escrita ou somente narrada pela transmissão oral, o amor enquanto núcleo ultrapassa os limites e é um nó semântico em torno do qual se desenrolam as histórias.

Estando em sintonia com seu tempo, a história trágica de amor vivida na época da escravidão e do patriarcalismo colonial, entre uma senhora branca e um escravo negro, nos mostra como as normas sociais se impõem diante dos amantes, e que viver uma paixão socialmente proibida é o ponto de partida para uma tragédia, na maior parte das vezes. A narrativa registra, por meio de memória oral e popular, o sentimento de um determinado tempo para alertar as pessoas do presente do perigo da paixão entre diferentes. Essa ideologia está subjacente como um dos principais motivos da história ser repassada às novas gerações no lugar onde ocorreu, ainda marcado pelo patriarcalismo e pelos preconceitos racial e social presentes em muitos ditados como "cada panela procure seu texto", citado predominantemente quando uma pessoa pretende casar com outra de uma raça ou condição social diferente.

Fanon, em sua obra *Pele negra máscaras brancas* (2008), em dois capítulos intitulados *A mulher de cor e o branco* e *O homem de cor e a branca*, trata dessa complexa relação amorosa entre pessoas de raças diferentes, permeada por uma espécie de vingança histórica pelo passado colonial. Para o autor, "o amor autêntico permanecerá impossível, enquanto não eliminarmos esse sentimento de inferioridade, ou esta exaltação adleriana, esta supercompensação, que parecem ser o indicativo da *Weltanschauung* negra (2008, p. 54). Assim, este pensamento mais atual sobre as relações amorosas entre brancos e negros ressalta os impedimentos históricos que ainda marcam os sentimentos, como o complexo de inferioridade do negro e o desejo de compensação, ao se relacionar com uma pessoa de cor branca.

Percebemos, sobretudo, em nossa leitura, que o amor continua a impulsionar o homem em sua vida simbólica e social, seja ele de letras ou o homem comum, bem como continua a impulsionar a vasta produção literária, seja ela oral ou escrita, estando presente nos mais distantes lugares, cidades e comunidades rurais formadas a partir de fazendas coloniais que guardam histórias que se revestem de uma atmosfera mítica. É esse mesmo amor que norteia o homem em suas preocupações milenares, certamente, permanecerá como matéria recorrente, desde o passado mais ancestral até as futuras produções literárias, pois conforme Bandeira, ao amor, não resta apenas "a cinza das horas", mas a eternidade.

ABSTRACT: We will in this article, address the theme of love as a constant in the literary universe. We propose to identify the brands that feeling that drives the story in an attempt to understand the meaning of love. We observed that the subjects of the nineteenth century, marked by slavery, patriarchal and racist relations, also formed part of a constant search for a loving couple, attitude inherent in people at all times, however, with the woven face the socio-historical bias unchained love relationships, economic and servitude. We conclude that, being in tune with the times, the tragic story of love, lived at the time of slavery and colonial patriarchy, between a white woman and a black slave, shows us how social norms are imposed on the lovers, and to live a social forbidden passion is the starting point for a tragedy, in most cases. We realize, above all, in our reading, that love continues to drive the man in his symbolic

and social life, be it letters, or common man, and continues to drive the vast literary production, whether oral or written, with present in the most distant places, cities and rural communities, formed from colonial farms that hold stories that are of a mythical atmosphere.

Keywords: Love. Colonial society. Patriarchy. Death. Breed.

REFERÊNCIAS

CAPELÂO, André. *Tratado do Amor Cortês*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Pontes, 2000.

CANDIDO, Antonio. De Cortiço a Cortiço. In: CANDIDO, A. *O discurso e a cidade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

JABOR, Arnaldo. *Amor é prosa, sexo é poesia***.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MILLAN, Betty. *E o que é o amor?* Rio de Janeiro: Record, 1999.

OVIDIO. *A arte de amar*. Trad. Dúnia marinho da Silva. Porto Alegre: L&M Pocket, 2006.

PLATÃO. *O banquete ou do amor***.** Tradução, introdução e notas do professor J. Cavalcante de Souza. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.